

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**REBECA MIRANDA BACK SILVEIRA**

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO NORMAL: FATORES DE RISCO À EVASÃO.**

**Bagé  
2025**

**REBECA MIRANDA BACK SILVEIRA**

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO NORMAL: FATORES DE RISCO À EVASÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português e Respectivas Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras - Português.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Evandro Guindani

**Bagé  
2025**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais)

SS587f Silveira, Rebeca Miranda Bach

Formação de professores no Curso Normal: fatores de risco à  
evasão / Rebeca Miranda Bach Silveira.

51 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS, 2025.

"Orientação: Evandro Ricardo Guindani".

1. Formação de professores. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Pampa

REBECA MIRANDA BACK SILVEIRA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO NORMAL: FATORES DE RISCO À EVASÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 15 de dezembro de 2025.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Evandro Ricardo Guindani  
Orientador  
(UNIPAMPA)

---

Profa. Me. Lisiane Inchauspe de Oliveira  
(UNIPAMPA)

---

Profa. Dra. Yáscara Michele Neves Koga  
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **LISIANE INCHAUSPE DE OLIVEIRA**,  
**Secretário Executivo**, em 17/12/2025, às 14:21, conforme horário oficial de  
Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **EVANDRO RICARDO GUINDANI**,  
**PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/12/2025, às 18:43,  
conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **YASCARA MICHELE NEVES KOGA**,  
**PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/12/2025, às 18:51,  
conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site  
[https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?  
acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código  
verificador **1931443** e o código CRC **06FB852E**.

Referência: Processo nº 23100.022765/2025-34 SEI nº 1931443

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que em sua infinita misericórdia, me permitiu chegar até aqui; aos meus familiares e amigos, pois sem eles jamais teria conseguido alcançar este momento e a cada um dos professores que dedicaram parte de suas vidas a mim, para que pudesse ser quem eu sou hoje.

## **AGRADECIMENTO**

A Deus acima de todos, pois é Ele quem tem me sustentado em todos os momentos;

À minha família e amigos, em especial aos meus pais e ao meu esposo, que me apoiaram e me ajudaram para que eu pudesse chegar até aqui;

Ao Prof. Dr. Evandro Ricardo Guindani, que me orientou e apoiou para que este trabalho fosse possível;

Aos professores da UNIPAMPA, que sempre me serviram de inspiração para buscar ser uma educadora melhor e mais comprometida;

A cada professor da educação básica que contribuiu para a minha formação, em especial aos professores do Curso Normal;

A todos os colegas e amigos e servidores da UNIPAMPA - Bagé, que fizeram parte dessa caminhada até este momento.

“Bendiga o Senhor a minha alma! Não esqueça nenhuma de suas bençãos”.

Salmos 103:2

## RESUMO

A classe do magistério tem sofrido por anos com recursos escassos, cargas exaustivas de trabalho, uma falta de reconhecimento e um silenciamento que sufoca, e que leva muitos excelentes professores a sucumbirem à mesmice em suas aulas, ficando doentes mental e fisicamente e, ainda outros, a desistirem de sua profissão. Diante de tantas possibilidades a serem abordadas, este trabalho foi delimitado ao âmbito do Curso Normal (CN), tendo como objetivo abordar quais as causas que levam à desistência da formação docente dentro do Curso Normal no Ensino Médio. Para tanto, estabeleceu-se como objetivo analisar os fatores que levam desistência da formação docente dentro do Curso Normal, com o foco em destacar as dificuldades enfrentadas para permanecer e se formar no CN, da cidade de Bagé - RS, da Escola Estadual de Educação Básica Prof. Justino Costa Quintana. Como metodologia, estabelecemos uma análise qualitativa de questionários realizados com ex-alunos e alunos atuais (no ano de 2025) do Curso Normal em Bagé, com vistas a analisar os fatores que levam à desistência da carreira docente, bem como fatores socioeconômicos, condições de trabalho, futuro dentro da profissão, violências enfrentadas pelo corpo docente, além de outros fatores que possam surgir para além daqueles já pressupostos neste trabalho. Para fundamentar este trabalho traremos autores como BORGES; AQUINO; PUENTES (2012) e VIEIRA, GOMIDE (2008), para abordar aspectos históricos da educação brasileira; KOGA (2009), KOGA (2013) e GUINDANI, KOGA (2022), para embasar aspectos como o discurso meritocrático da conquista individual e ideologia de merecimento dentro da educação brasileira; LAPO, BUENO (1999) e LAPO, BUENO (2002) para abordarmos aspectos da evasão e abandono à docência; RIBEIRO (2024), ROSA (2025) e TEIXEIRA, FACUNDINI (2025), sobre a projeção futura da educação brasileira e a diminuição do ingresso de alunos nos cursos de licenciatura. Concluiu-se, com este trabalho que embora muita coisa já tenha mudado, como o acesso se tornando público, a permanência dentro do CN ainda está reservada para aqueles que possuem condições financeiras para financiar suas demandas e se formar no curso. Além disso, tem-se a necessidade emergente de divulgar os relatos e vivências desses alunos e de outros alunos dentro dos cursos de formação de professores, sejam eles na modalidade inserida no Ensino Médio ou Ensino Superior, para que possamos compreender e divulgar os desafios que cada um desses futuros professores têm enfrentado, pensando formas de intervir e melhorar as condições de acesso, permanência e conclusão de cada um desses cursos para que possamos evitar previsões futuras de *apagões* de professores em um momento próximo.

**Palavras-Chave:** Curso Normal; Evasão; Docência; Meritocracia e educação.

## ABSTRACT

The teaching profession has suffered for years from scarce resources, exhausting workloads, a lack of recognition, and a suffocating silence, leading many excellent teachers to succumb to monotony in their classes, becoming mentally and physically ill, and others to abandon their profession. Given the many possibilities to be addressed, this work was limited to the scope of the Normal Course (CN), aiming to address the causes that lead to dropping out of teacher training within the Normal Course in Secondary Education. To this end, the objective was to analyze the factors that lead to dropping out of teacher training within the Normal Course, focusing on highlighting the difficulties faced in remaining in and graduating from the CN in the city of Bagé - RS, at the Prof. Justino Costa Quintana State Basic Education School. As a methodology, we established a qualitative analysis of questionnaires completed by former and current students (in the year 2025) of the Normal Course in Bagé, with a view to analyzing the factors that lead to abandoning the teaching career, as well as socioeconomic factors, working conditions, future within the profession, violence faced by the teaching staff, in addition to other factors that may arise beyond those already assumed in this work. To support this work, we will cite authors such as BORGES; AQUINO; PUENTES (2012) and VIEIRA, GOMIDE (2008), to address historical aspects of Brazilian education; KOGA (2009), KOGA (2013) and GUINDANI, KOGA (2022), to support aspects such as the meritocratic discourse of individual achievement and the ideology of merit within Brazilian education; LAPO, BUENO (1999) and LAPO, BUENO (2002) to address aspects of dropout and abandonment of teaching; RIBEIRO (2024), ROSA (2025) and TEIXEIRA, FACUNDINI (2025), on the future projection of Brazilian education and the decrease in student enrollment in teacher training courses. This work concluded that although much has already changed, such as access becoming more public, remaining in teacher training programs is still reserved for those who have the financial means to finance their needs and graduate from the course. Furthermore, there is an urgent need to disseminate the accounts and experiences of these and other students within teacher training courses, whether in secondary or higher education, so that we can understand and publicize the challenges that each of these future teachers has faced, considering ways to intervene and improve the conditions of access, retention, and completion of each of these courses, thus preventing future predictions of teacher shortages in the near future.

**Keywords:** Normal Course; Evasion; Teaching; Meritocracy and education.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 1 - MOTIVOS DE INGRESSO NO CN.....	29
GRÁFICO 2 - AJUDA EMOCIONAL.....	31
GRÁFICO 3 - PROBLEMAS EMOCIONAIS OU FÍSICOS.....	32
GRÁFICO 4 - NÃO CONSEGUIR ARCAR COM AS DEMANDAS DO CN.....	35
GRÁFICO 5 - GASTOS MENSIS NO CN .....	37

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	13
2.1 A formação de professores no Brasil e no RS .....	13
2.1.2 A formação de professores em nível médio: o Curso Normal .....	16
2.1.3 Os desafios e desencantos da profissão docente: o desânimo dentro de sala de aula e a evasão nos cursos de formação de professores .....	17
2.2 Meritocracia e educação .....	19
2.3 O futuro do magistério .....	20
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	22
<b>4. ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	26
4.1 Os seres humanos por trás dos professores: relatos de experiências dentro do CN .....	26
4.2 As dificuldades de permanência: aspectos financeiros, físicos e emocionais .....	33
4.3 O discurso meritocrático e a realidade dos professorandos .....	36
4.5 Utopias: o que pode ser mudado no CN .....	39
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43
<b>ANEXOS</b> .....	46

## 1 INTRODUÇÃO

Durante toda a minha vida como filha de uma professora, aluna da rede pública de ensino, professoranda do Magistério e agora discente do Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, presenciei e por certas vezes senti em minha própria pele o drama e a luta vivida por cada um dos meus professores.

Conheci homens e mulheres inspiradores que lutaram e que ainda lutam todos os dias pelo futuro de milhares de jovens e crianças brasileiras, buscando construir uma educação de qualidade com recursos escassos, cargas exaustivas de trabalho, uma falta de reconhecimento e um silenciamento que sufoca, e que leva muitos excelentes professores a sucumbirem à mesmice em suas aulas, ficando doentes mental e fisicamente e, ainda outros, a desistirem de sua profissão.

Este Trabalho de Conclusão de Curso poderia ser sobre muitas temáticas em Língua portuguesa ou Literatura, que se mostraram de extrema importância ao longo da minha trajetória como aluna da UNIPAMPA, mas nenhum deles é tão emergente para mim quanto a necessidade de dar voz a cada um desses homens e mulheres que me presentearam com seu tempo de vida, sua sabedoria e seu conhecimento, portanto, este trabalho é um tributo a cada um deles e é uma preocupação genuína, com o futuro da educação Brasileira.

Dentro do Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa (Letras - LP) pude conhecer muitas pessoas com as mais diversas diferenças, mas com uma coisa em comum: um sonho, uma ideologia, ou uma esperança, de fazer parte de uma educação melhor. Membros dos cursos de Licenciatura da UNIPAMPA que por algum motivo se encontram dentro destes cursos entre tantos outros possíveis. Estes mesmos colegas esperançosos vi partirem, por motivos socioeconômicos, pessoais, profissionais ou até por desistirem da educação, desiludidos, vendo que não havia futuro para si na educação; ainda há aqueles que declaram abertamente que em algum momento do curso decidiram que apenas irão completar a graduação, mas que não irão permanecer na profissão.

Antes de chegar à licenciatura no nível superior, no Curso Normal, pude ver em primeira mão adolescentes que antes eram alegres e cheios de vida, tendo crises de ansiedade que nunca haviam sofrido antes, colegas que passaram fome para conseguir permanecer no CN, uma colega que tinha episódios depressivos tão fortes que não podia ir ao banheiro sozinha porque mutilava a si própria, além de tantas outras dificuldades que cada um de nós passamos.

Ao mesmo tempo, nesses mesmos rostos cansados e sofridos eu via o esforço e dedicação por algo que elas amavam fazer, por crianças que elas amavam ensinar, a busca incansável pelo sorriso desses alunos que passavam por nossas mãos.

Embora houvesse e ainda se tenha essa dedicação e amor pelo ensino e pelo contato com as crianças, a evasão presente nos cursos de licenciatura também se materializam nas salas de aula do Curso Normal.

Este abandono e desistência da profissão mais primordial da nossa sociedade é o foco deste Trabalho, tentarmos entender o por quê e como podemos remediar esta situação antes que seja impossível arcarmos com as consequências dos efeitos que a falta dos professores fará no nosso país.

Autores como LAPO e BUENO (2002) apresentam a evasão de professores da carreira do magistério como uma problemática emergente em nossa sociedade, trazendo realidades de professores que já abandonaram a profissão e os que ainda restam projetam futuros longe do magistério. Essa problemática não é diferente da realidade dentro do CN, onde iniciam-se com turmas de 50 a 70 alunos no primeiro ano e no estágio final formam-se entre 10 a 30 professores.

Ademais, Koga (2009) ressalta que o discurso meritocrático coloca como uma consequência, o fracasso e a desigualdade educacional, de uma falta de esforço do indivíduo, manipulando o sujeito através de um discurso de culpa e se mostrando ignorante às questões socioeconômicas e individuais dos sujeitos.

Durante as pesquisas não houve material significativo que desse conta especificamente sobre a evasão dentro dos Cursos Normais no Ensino Médio, dessa forma, justifica-se a opção pelo tema considerado, não apenas como objeto de estudo específico para este trabalho com um caráter pessoal, mas trazendo a emergência de estudos na área por haver tamanha escassez de pesquisas deste caráter.

Diante de tantas possibilidades a serem abordadas, este trabalho foi delimitado ao âmbito do Curso Normal (CN), antigo Magistério, por ser o primeiro Curso de formação de professores possível a ser alcançado pelos jovens, tendo como objetivo abordar quais as causas que levam à desistência da formação docente dentro do Curso Normal, atendo-se às dificuldades enfrentadas por esses estudantes do ensino médio para alcançarem a tão sonhada formação como professores dos Anos Iniciais.

Ademais, este trabalho propõe-se a valorizar as vozes destes alunos que de alguma forma perderam, em seu percurso acadêmico, a pretensão de se tornarem professores, suas razões para tanto e projetar maneiras contingentes para a diminuição da evasão dentro do Magistério.

O trabalho a seguir, está sob a pauta dos seguintes objetivos específicos:

- a) delimitar fatores que levam a evasão do Magistério em diversas regiões do Brasil, com vistas a comparar com os dados coletados dentro do Curso Normal da Escola de Educação Básica Justino Costa Quintana;
- b) identificar os fatores e dificuldades enfrentadas pelos Normalistas que podem levar à evasão escolar dentro do Curso Normal, destacando os aspectos pessoais e comuns dos sujeitos entrevistados com vista a repensar práticas pedagógicas realizadas dentro do Magistério;
- c) refletir sobre o futuro do Curso Normal dentro do âmbito profissional, analisando as possibilidades de carreira após a formação acadêmica.

Desta forma, este Trabalho de Conclusão de Curso busca compreender os fatores que levam os alunos do primeiro curso de formação na área do magistério a desistir da profissão docente, refletindo sobre o esgotamento físico e mental dos normalistas, fatores socioeconômicos e carga exaustiva de trabalho que levam à evasão. Tendo estes fatores como norteadores desta pesquisa, projeta-se destacar a importância das redes de apoio para a formação docente, bem como sua valorização profissional em meio a sociedade, repensando discursos sobre individualidade e meritocracia dentro da área educacional.

Para tanto, o trabalho a seguir constitui-se de um referencial teórico, subdividido em quatro partes, delimitadas a seguir:

- Borges, Aquino, Puentes (2012) e Vieira; Gomide (2008) - aspectos históricos da educação brasileira;
- Koga (2009), Koga (2013) e Guindani; Koga (2022) - o discurso meritocrático da conquista individual e ideologia de merecimento dentro da educação brasileira;
- Lapo; Bueno (1999) e Lapo, Bueno (2002) - evasão e abandono à docência,
- Ribeiro (2024), Rosa (2025) e Teixeira, Facundini (2025) - a projeção futura da educação brasileira e a diminuição do ingresso de alunos nos cursos de licenciatura.

Logo após a fundamentação teórica deste trabalho se segue, nos tópicos seguintes:

- 2.1 A formação de professores no Brasil e no RS - com um apanhado geral do início dos cursos de formação de professores na Europa até sua instauração no Brasil e sua chegada ao Rio Grande do Sul;
- 2.1.2 A formação de professores em nível médio: o Curso Normal - Com um apanhado geral do percurso histórico do Curso Normal, suas mudanças pontuais motivadas por movimentos políticos e sociais, com base em Borges; Aquino; Puentes (2012);
- 2.1.3 Os desafios e desencantos da profissão docente: a evasão nos cursos de formação de professores - abordando a evasão de professores nas salas de aula, de licenciandos do nível superior e normalistas, com base em Lapo e Bueno (1999);
- 2.2 Meritocracia e educação - abordaremos os conceitos de mérito e sucesso profissional e as consequências dessas ideologias na educação, com base em Koga (2009),
- 2.3 O futuro do magistério - com o objetivo de falar sobre a evasão dentro dos cursos e futuras projeções de *apagões* de professores, com base em Rosa (2024), Ribeiro (2024), Teixeira, Facundini (2025).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar este trabalho traremos autores como BORGES; AQUINO; PUENTES (2012) e VIEIRA, GOMIDE (2008), para abordar aspectos históricos da educação brasileira; KOGA (2009), KOGA (2013) e GUINDANI, KOGA (2022) para embasar aspectos como o discurso meritocrático da conquista individual e ideologia de merecimento dentro da educação brasileira; LAPO, BUENO (1999) e LAPO, BUENO (2002) para abordarmos aspectos da evasão e abandono à docência; RIBEIRO (2024), ROSA (2025) e TEIXEIRA, FACUNDINI (2025), sobre a projeção futura da educação brasileira e a diminuição do ingresso de alunos nos cursos de licenciatura.

### 2.1 A formação de professores no Brasil e no RS

A formação de professores no Brasil foi, e ainda é, um desafio diário a ser vencido e que teve seu início há quilômetros de distância e há muitos anos atrás para que chegássemos nos dias atuais. Embora haja um período de tempo considerável entre o início dos cursos de formação de professores no mundo até os dias atuais, muitos dos problemas e questionamentos do início perduram até hoje e nos alcançam séculos à frente.

No Brasil, a educação teve seu início no ano de 1549, com a chegada dos jesuítas, permanecendo até 1759 como base da educação brasileira. Segundo Vieira e Gomide (2008), os sacerdotes da igreja que eram preparados como educadores e

estariam em condições de educar os homens para que se tornassem mais homens, desenvolvendo-lhes a memória, a vontade e a inteligência, com ênfase na Retórica fundamentada nas obras dos antigos, em especial de Cícero e Quintiliano. (VIEIRA, GOMIDE, 2008)

Mas não havia qualquer instrução anterior ao exercício da docência, tornando a educação extremamente desigual e que constantemente se desviava de seus objetivos. Esses professores, tinham seu ensino focalizado nos clássicos antigos, nos *padrões da sociedade européia cristã que privilegiavam a retórica com a eloquência ciceroniana como marca na formação de representantes da Companhia de Jesus* (VIEIRA e GOMIDE, 2008). Como podemos perceber, a educação no Brasil não teve seu início por uma necessidade ou vontade própria dos brasileiros, mas através da influência européia e da colonização. A educação jesuítica, as Escolas Normais, e tantos outros movimentos e reformas educacionais constantemente foram desencadeadas por movimentos externos ao território nacional,

constantemente importando ideologias, métodos e técnicas que, por inúmeras vezes, não se adaptaram ao contexto sócio-histórico do Brasil.

Embora houvesse um ensino um tanto raso e voltado para um ensino básico da sociedade, as Escolas Normais foram as primordiais da educação no mundo inteiro, tendo seu valor histórico e social estabelecido, considerando que toda a ideia ou ciência precisou ter seu início, como uma criança que dá seus primeiros, houve e ainda há muitos tropeços e falhas.

Segundo Borges; Aquino; Puentes (2012) apenas *no final do século XVIII, iniciou-se o processo de valorização da instrução escolar, período em que foram criadas as Escolas Normais com a finalidade de formar professores*. Tendo em vista que há três séculos a educação começou a dar os seus primeiros passos, na Europa, como algo valorizado socialmente, podemos compreender a educação como algo relativamente novo. Estabeleceu-se a primeira instituição denominada Escola Normal fundada em Paris no ano de 1795, voltada para a formação de professores do até então denominado ensino primário.

No Brasil, em 1882, segundo Borges; Aquino; Puentes (2012),

Rui Barbosa fez uma análise da educação imperial e criticou a situação em que se encontrava o ensino superior brasileiro, especialmente no Direito. Em um parecer de 1882, explicitava a carência de “[...] uma reforma completa dos métodos e dos mestres.” BORGES; AQUINO; PUENTES (2012), p 3.

Essa *reforma completa dos métodos e dos mestres* sobreveio diretamente aos cursos de formação de professores, dando início a um movimento de reforma que alcançou não apenas os cursos de direito, mas todos os cursos de formação de professores. No Brasil, a reforma *dos métodos e dos mestres* se consolidou após a independência, onde as questões pedagógicas, alinhadas com as transformações da sociedade brasileira separou

[...] em seis períodos a história de formação de professores no Brasil:

1. Ensaios intermitentes de formação de professores (1827-1890). Esse período se iniciou com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que obrigava os professores a se instruírem no método do ensino mútuo, às próprias expensas; estendeu-se até 1890, quando prevaleceu o modelo das Escolas Normais.
2. Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932), cujo marco inicial foi a reforma paulista da Escola Normal, tendo como anexo a escola-modelo.
3. Organização dos Institutos de Educação (1932-1939), cujos marcos foram as reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal, em 1932, e de Fernando de Azevedo em São Paulo, em 1933.
4. Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971).
5. Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996).
6. Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006). SAVIANI (2009)

A educação, até 1833, era um privilégio de poucos, sendo a própria formação de professores custeada por fundos privados, sem o investimento governamental, transformando a educação em um artigo de luxo pertencentes à uma pequena elite da sociedade. A educação começou a passar a ser uma responsabilidade das Províncias apenas em 1834, com a promulgação do Ato Adicional, tendo sido criadas Escolas Normais, obrigatoriamente nos moldes dos modelos dos países europeus.

A primeira Escola Normal no Rio Grande do Sul foi fundada na Província de São Pedro, no dia 12 de abril de 1869; e que teve seu funcionamento em 1º de maio deste mesmo ano, com aulas pela manhã para os alunos e à tarde para as alunas. Como nas demais instituições, era predominante a *preocupação com o domínio dos conhecimentos a serem transmitidos nas escolas de primeiras letras* (SAVIANI, 2009, p.144), transformando a educação em um esforço para decorar conteúdos e conhecimentos científicos, sem considerar a didática necessária para o compartilhamento desses conhecimentos adquiridos ou os seres humanos envolvidos nessa grande operação em busca do conhecimento.

### 2.1.2 A formação de professores em nível médio: o Curso Normal

A princípio, havia apenas Escolas Normais voltadas para a formação do ensino primário, apenas no século XIX surgiu a preocupação de formar professores para o até então chamado secundário, correspondente aos anos finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio. Essa preocupação surgiu por mais um movimento social emergente da época, a industrialização, que trouxe consigo *a necessidade de maior escolarização e, conseqüentemente, a expansão do sistema de ensino.* (BORGES; AQUINO; PUENTES, 2012)

Em 1939, a partir do Decreto 1.190, de 4 de abril de 1939, foi adotado o sistema 3+1, onde *três anos eram dedicados ao estudo das disciplinas específicas ou conteúdos cognitivos e um ano, para a formação didática.* (BORGES; AQUINO; PUENTES, 2012). Neste momento inicia-se historicamente a presença da preocupação do como ensinar, mais especificamente, da didática necessária ao professor para o compartilhamento das *disciplinas específicas* ou *conteúdos cognitivos* aos seus alunos, tendo sido aplicado não apenas nas Escolas Normais, mas também nos Cursos de Pedagogia. No entanto, essa inserção da didática no currículo de formação de professores, deu-se de forma equivocada, porque

Embora seu objeto próprio estivesse todo ele embebido do caráter pedagógico-didático, este tendeu a ser interpretado como um conteúdo a ser transmitido aos alunos antes que como algo a ser assimilado teórica e praticamente para assegurar a eficácia qualitativa da ação docente. (SAVIANI, 2009, p.147)

Portanto, a didática tornou-se mais uma disciplina específica a ser apreendida e decorada, do que um ensino prático e efetivo de como se ensina, rompendo com o objetivo do sistema 3+1 e mantendo-se com os mesmos problemas anteriores ao Decreto 1.190.

Com o advento da industrialização e da tendência *liberal tecnicista, cuja ideologia era/é formar técnicos profissionais, de forma rápida, para atender ao mercado de trabalho* (BORGES; AQUINO; PUENTES (2012) a Escola Normal foi profundamente afetada, tornando-se o curso de Habilitação Específica de Magistério (1971-1996), ideologias apropriadas pelo golpe militar de 1964, provocando mudanças significativas na legislação do ensino que se estendeu até *o sexto e último período é denominado por Saviani (2009) “Advento dos Institutos de Educação e das Escolas Normais Superiores” (1996-2006)* (BORGES; AQUINO; PUENTES, 2012), com o fim do regime militar.

### 2.1.3 Os desafios e desencantos da profissão docente: a evasão nos cursos de formação de professores

Como colocado por Lapo e Bueno (1999) [...] *um número cada vez maior de professores está deixando a rede estadual de ensino*. Esse agravante não ocorre somente com professores da rede estadual, mas também com as alunas do CN, que cada vez mais estão abandonando o Curso, mostrando que a desistência pela carreira docente tem início desde muito cedo dentro do magistério.

Os autores já citados acima, também ressaltam que a *falta de vínculo do professor com a escola pode trazer graves consequências para um tão necessário e almejado ensino de qualidade*. Da mesma forma, a falta de vínculo entre normalistas e a escola agrava os fatores que levam à evasão, a falta de reconhecimento pelo esforço extremo necessário para cumprir as demandas exigidas frente a falta de apoio emocional e psicológico necessário para estes alunos, a maioria ainda adolescentes entre quinze a dezoito anos, é um fator determinante para a exaustão emocional e física, que levam a ausências cada vez mais frequentes, a falta de cumprimento de deveres escolares e por fim, o abandono.

O fator das ausências frequentes, também foram evidenciadas por Lapo e Bueno (1999) onde *os abandonos temporários se concretizam através de faltas, licenças curtas e licenças sem vencimentos*, trazendo a questão do abandono a docência iniciando aos poucos até que se chegue por fim, à exoneração desses professores. De acordo com os autores

Esse tipo de abandono pode se constituir na primeira etapa do processo que leva ao abandono definitivo, pois, além de oferecer uma solução apenas temporária para os conflitos, também pode provocar, em alguns casos, uma sensação de mal-estar gerada pela percepção de que esses mecanismos são uma forma de prejudicar os outros, principalmente os alunos. Quando a pessoa não consegue se adaptar a essa situação que vai contra os seus princípios e valores, que contraria o modo como concebe a sua profissão e a atividade que exerce, a solução é, então, o abandono definitivo. (LAPO, BUENO, 1999).

Lapo e Bueno (1999) ainda trazem, através de entrevistas feitas com um grupo de professores, dados afirmando que *a quase totalidade desse grupo só pediu a exoneração após, no mínimo, cinco anos de exercício profissional*, mostrando que, apesar de encontrarem muitas dificuldades dentro de suas profissões, a maioria desses professores foi resiliente e teve esperanças de que a educação pudesse tomar novos rumos. Não diferentemente, muitos dos alunos desistentes do Curso do Magistério ainda resistem por mais de um ano dentro da sala de aula, mas, com o tempo, são vencidos pela desilusão à educação e esgotamento físico e mental. Nos dados a serem coletados a seguir, através do questionário aplicado com alguns alunos do

CN, que estudaram entre os anos de 2016 a 2025, espera-se encontrar os mesmos fatores relatados pelos autores já citados. Além disso, os autores verificaram que as *péssimas condições de trabalho e a falta de perspectivas de crescimento profissional* são as problemáticas mais relatadas pelos professores entrevistados.

Ressaltamos a importância desse estudo em específico, sobre a evasão no magistério, da mesma forma como colocado por Lapo e Bueno (1999), onde *cabe destacar, ainda, a inexistência de outros estudos sobre esta questão [...]*, não só no Estado de São Paulo, onde ambienta-se o estudo dos autores. Assinalando que mesmo através da busca por outros artigos que abordassem a evasão de professores, não foram encontrados em grande quantidade sobre esse assunto, havendo apenas três artigos sobre a evasão de professores, especificamente no Estado de São Paulo, destacando ainda mais a importância de abordarmos essa temática.

## 2.2 Meritocracia e educação

Os conceitos de mérito e sucesso profissional são elementos cotidianos na vida dos brasileiros, mas pouco se reflete sobre as consequências dessas ideologias na educação. KOGA (2009) propõe que

O conceito de meritocracia é praticado na educação brasileira há algumas décadas. Segundo Rossi (1980) há na meritocracia uma promessa de mobilidade oferecida às classes populares resultando na vitória através da “livre competição”. Esta igualdade de competição seria ponto chave desta ideologia para a qual o “esforço” e o “trabalho duro” permitem o acesso às melhores posições. (KOGA, 2009)

Essa mentalidade de que o “esforço” e o “trabalho duro” são suficientes para promover e trazer valorização para o trabalho do professor é um dos fatores que mais causa frustração dentro do trabalho docente. A mentalidade meritocrática associada a uma sociedade capitalista assume que o profissional mais “esforçado”, “trabalhador” e com melhor formação deve ser melhor remunerado, o que não acontece com a classe do magistério, onde se tem um grupo de pessoas que, em sua maioria possui nível superior e que ainda assim, não são bem remunerados. Deste fato se cria uma problemática, se a meritocracia se trata de recompensar quem possui mais mérito, que profissão seria mais merecedora do que a profissão que forma todas as outras profissões? A classe do magistério não é valorizada como deveria e isso não se trata apenas de questões financeiras, mas da forma com que a sociedade vê o professor.

Cada vez mais vemos situações de desrespeito e violência física e verbal acontecendo dentro das salas de aula. Segundo dados coletados pelo G1 54% dos professores já sofreram algum tipo de violência dentro das escolas,

Entre elas, as mais frequentes eram agressão verbal (48%), assédio moral (20%), bullying (16%), discriminação (15%), furto/roubo (8%), agressão física (5%), e roubo ou assalto à mão armada (2%). (G1, 2023)

A impotência frente à violência extrema presenciada nas escolas têm se tornado uma realidade na vida do corpo docente, essa realidade fica escancarada no caso em que uma professora da rede estadual de São Paulo, Elisabete Tenreiro, de 71 anos, foi atacada e morta à facadas por um aluno de 13 anos, do oitavo ano da Escola Estadual Thomazia Montoro, na Vila Sônia, em 2023. Vale ressaltar que, durante a escrita deste TCC, no dia oito de julho de 2025, de acordo com uma reportagem do G1, um adolescente, de 16 anos, invadiu a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Nascimento Giacomazzi, na cidade de Estação, no norte do estado do Rio Grande do Sul, onde feriu uma criança de nove anos, Vitor André Kungel Gambirazi, que veio a óbito, feriu outras duas crianças de oito anos, além da professora que se colocou à frente para proteger os alunos. Com esse ocorrido aterrorizador, enfatizamos ainda mais a atualidade de casos de violência dentro das escolas e como os professores muitas vezes

precisam dar as suas vidas para proteger a de seus alunos. Para além, KOGA (2009) ainda afirma que

a meritocracia atribui a uma educação desigual a aparência de “neutra”, “científica”, “democrática”, reafirmando o monopólio das classes dominantes, causando a impressão de que o sucesso dos indivíduos dessa classe ocorreu por mérito ou talento e colocando um véu nas reais condições desiguais[...] (KOGA, 2009).

Esse “véu” proposto por KOGA (2009) abrange toda a educação, onde se mascara a realidade da sala de aula com otimismo e discursos de superação, ideias de “trabalho duro” e “esforço” que providenciariam uma mudança futura que nunca acontece, encerrando o ciclo vicioso do discurso meritocrático dentro da educação.

Considerando o aspecto da violência, a baixa remuneração e a falta de reconhecimento social da importância da classe docente em nossa sociedade, torna-se compreensível o abandono e a desistência dos alunos do CN, tendo em mente de se tratam, em sua maioria, de jovens entre 15 a 18 anos.

### **2.3 O futuro do magistério**

Destacamos, dentre todos os tópicos já abordados nos subtítulos anteriores, a questão do futuro do magistério no Brasil, tendo em vista que, os cursos de licenciatura têm enfrentado o desafio da evasão nos cursos diariamente, não havendo distinção entre a realidade das licenciaturas e do CN, onde a realidade se assemelha. Para tanto, a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), através de seu site de notícias externas, já postula que

Em um cenário nacional de desvalorização da carreira docente, o Brasil corre o risco de sofrer um “apagão” de professores da educação básica no ano de 2040. Segundo estudo recente do Instituto Semesp, faltarão cerca de 235 mil profissionais da área em menos de 20 anos. (ROSA, 2024).

As mesma observação foi apresentada por Ribeiro (2024), onde afirma que

Nos últimos anos, tem sido observado um declínio preocupante na procura por cursos de licenciatura em diversas áreas do conhecimento. De acordo com dados do Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), entre 2010 e 2021, houve uma redução significativa no número de matrículas em cursos de formação de professores no Brasil, com uma diminuição de cerca de 26% no período.

Teixeira, Facundini (2025), do Jornal da USP (Universidade de São Paulo), corroboram com Rosa (2024) e Ribeiro (2024), e ainda acrescentam que

[...] o percentual de novos alunos em cursos de Licenciatura com até 29 anos de idade caiu de 62,8%, em 2010, para 53%, em 2020. De 2010 a 2020, o crescimento no ingresso em graduações envolvendo o ensino foi de 53,8%, enquanto que para outros cursos o crescimento foi de 76%. (TEIXEIRA, FACUNDINI, 2025).

O envelhecimento da classe do magistério, evidenciado na citação anterior, e o crescente número de desafios dentro da educação, mostram-se como vias contrárias em rota de colisão, mesmo que os professores que já estão na rede pública de ensino continuem se profissionalizando, é fato que em algum momento estes professores entrarão em aposentadoria, sem o ingresso de novos alunos nos cursos de licenciatura, não teremos novos professores e cada vez mais este ser dotado de didática será dado como um raro espécime em extinção. Além de todos os já citados acima, ainda se há outros especialistas que corroboram com a questão da escassez de professores,

Para Sílvia Colello, professora sênior da pós-graduação da Faculdade de Educação (FE) da USP, a desvalorização da profissão é um dos grandes fatores para o problema do desinteresse e do desânimo. “O maior problema é a desvalorização da profissão docente no Brasil. O que, na prática, se reflete numa baixa remuneração. Para que a gente possa ter uma ideia, na média, os professores ganham muito menos do que outros profissionais que têm o mesmo grau de escolaridade. (...) Precisamos ver também as condições de trabalho, tanto materiais quanto as condições humanas, pois, muitas vezes, esse professor tem uma carga maciça de trabalho e sem apoio da gestão escolar” (TEIXEIRA, FACUNDINI, 2025).

A falsa promessa de que “trabalho duro” e “esforço” podem curar todas as mazelas da educação e dar ao professor um nível irreal de satisfação com sua profissão, a violência crescente contra profissionais do magistério, a desvalorização financeira e social do trabalho docente e a diminuição do ingresso de alunos nos cursos de licenciatura se unem, para formar uma das questões mais preocupantes da educação: *o que será da educação brasileira sem professores?* Para que não cheguemos a este extremo, ressalta-se a importância de estudos reflexivos como este, embora escassos e localizados em apenas algumas regiões do Brasil, já estão sendo pensados e debatidos, afinal, esta é uma preocupação real e que já é palpável nos quadros de professores incompletos da rede pública de ensino brasileiro.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho fundamenta-se em uma pesquisa de campo realizada através de um questionário aplicado com ex-alunos e alunos atuais do CN (no ano de 2025), tendo por metodologia a análise qualitativa destes questionários aplicados no Curso Normal em Bagé, com vistas a analisar os fatores que levam à desistência da carreira docente, bem como fatores socioeconômicos, condições de trabalho, futuro dentro da profissão, violências enfrentadas pelo corpo docente, além de outros fatores que possam surgir para além daqueles já pressupostos neste trabalho.

Tendo em vista que, segundo Resende (2016), a análise qualitativa

[...] enfatiza o interpretativismo, a importância de estudar o todo, focando-se na experiência subjetiva dos indivíduos, estudando como as pessoas percebem, criam e interpretam o seu mundo. (REZENDE, 2016).

Fazer-se-á a seguir uma comparação entre dados já apresentados anteriormente na fundamentação teórica e a realidade das normalistas, averiguando se de fato as dificuldades que o magistério em geral tem enfrentado também tem se manifestado dentro das salas do Curso Normal. Todas as questões elaboradas a seguir, baseiam-se nas relações entre educação e meritocracia, de acordo com Koga (2009, 2013), questões socioeconômicas, violência na vida docente e diminuição do ingresso de alunos nos cursos de licenciatura.

Questões utilizadas no corpus do questionário:

1 - Qual a sua idade?

2 - Em que ano do Curso Normal você está?

1º ano

2ª ano

3º ano

Estágio final

Já me formei

Desisti do curso

3 - Como tem sido/foi a tua experiência como aluno(a) do Curso Normal?

4 - Por qual motivo escolheste cursar o CN?

5 - O que você mais gosta no Curso Normal?

Ensinar.

O contato com as crianças.

- Os trabalhos realizados.
- Os eventos (Halloween, Festa Junina, Semana Farroupilha, Semana da Normalista, Dia do Circo, etc.)
- Outro: \_\_\_\_\_

6 - Já pensasse em desistir do curso? Se sim, por quais motivos?

7 - Como tem sido/foi a carga de trabalhos desenvolvidos durante o Curso Normal?

8 - Há/Houve algum tipo de rede de apoio por parte da escola? Auxílio para confecção de trabalhos, apoio emocional ou financeiro?

9 - Você possui/possuía uma rede de apoio familiar te auxiliando para atender as demandas do Curso Normal?

10 - Com que frequência você já pensou em sair do curso?

- Nunca pensei em desistir.
- Às vezes.
- Quase sempre.
- Sempre.
- Eu desisti do curso.

11 - Já houve algum momento em que te sentisse incapaz ou que não ia conseguir dar conta das demandas do Curso?

- Nunca.
- As vezes.
- Quase sempre.
- Sempre.

12 - Já aconteceu de você precisar de um afastamento do Curso por questões de exaustão física ou emocional?

- Nunca.
- Pelo menos uma vez ao ano.
- Em média duas vezes ao ano.
- Três ou mais vezes ao ano.

13 - Você já se sentiu intimidado(a), constrangido(a) ou humilhado(a) por alguma situação que aconteceu dentro do Curso? Se sim, o que aconteceu?

14 - Você sente/sentia que pode/podia pedir ajuda para a escola (professores, coordenadores, diretores) caso você não esteja/estivesse bem emocionalmente?

- Não.
- Só há uma pessoa que me ajudaria.
- Há duas ou três pessoas que me ajudariam.
- Qualquer uma das pessoas da escola me ajudaria.
- Há mais de três pessoas que me ajudariam, mas não todas.

Não me sinto confortável para pedir ajuda a ninguém.

15 - Você sente/sentia que pode/podia pedir ajuda para a escola (professores, coordenadores, diretores) caso você não esteja/estivesse bem fisicamente?

Não.

Sim, há apenas uma pessoa que me ajudaria.

Sim, há duas ou três pessoas que me ajudariam.

Sim, há mais de três pessoas que me ajudariam, mas não todas.

Sim, qualquer pessoa da escola me ajudaria.

Não me sinto confortável para pedir ajuda a ninguém.

16 - Já aconteceu de ter colegas em um estado emocional fragilizado devido a ansiedade ou preocupações oriundas das demandas do Curso Normal?

Nunca.

Às vezes.

Todos pelo menos uma vez ao ano.

Vários colegas durante vários momentos do curso.

17 - Se você pudesse mudar alguma coisa no Curso, o que você mudaria?

18 - Você precisou se deslocar da sua cidade local para poder cursar o Curso Normal?

Sim.

Não.

19 - Como tem sido/foi estar longe de casa para poder estar no Curso? (pergunta exclusiva para quem precisou se deslocar de outra cidade para realizar o curso)

20 - Você precisou desembolsar algum valor para financiar seus estudos no CN? Seja na compra de material escolar, alimentação, transporte, etc.

Não, nunca precisei.

Sim, preciso/precisei às vezes.

Sim, uso/usei constantemente.

20 - Você gasta/gastou, em média, quanto por mês para compra de materiais para uso no Curso Normal?

Nunca precisei usar meu dinheiro para compra de materiais.

Menos de 50 reais.

Mais de 50 reais por mês.

Mais de 100 reais por mês.

Outro: \_\_\_\_\_

21 - Você acredita que é possível cursar o CN sem que haja a necessidade de desembolsar nenhum valor financeiro pessoal para custeio de materiais, transporte, alimentação, etc.?

Sim, é possível.

Não, é impossível.

( ) Outro: \_\_\_\_\_

A aplicação do questionário foi realizada para averiguar, se as hipóteses levantadas se confirmam, via Google Formulários, com questões de múltipla escolha e de respostas dissertativas, para as ex-alunas. E aplicação física presencial com os alunos atuais, tendo por critério alunos que já tinham alguma experiência maior dentro do CN, partido do segundo e do terceiro ano.

O questionário foi aplicado, presencialmente, nas aulas da professora Aniele Torma, que cedeu um período de aula nos dois segundos anos para a aplicação deste.

Cada resposta recebida foi registrada na plataforma do Google Formulários para a quantificação e análise de dados, tendo recebido 57 respostas, entre elas 43 alunos do 2º ano, 3 alunos do 3º ano e 6 ex-alunos.

Espera-se, com este trabalho, dar voz aos alunos do primeiro curso de formação de professores, suas dores, experiências e esperanças de futuro; com vistas a divulgar a realidade enfrentada por esses alunos e problematizar a falta de apoio e suporte necessário para que possam se desenvolver dentro da sua construção como profissionais da educação.

#### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise de resultados fazer-se-á a seguir da seguinte forma: as questões relacionadas a experiências individuais, bem como os relatos dissertativos e questões relacionadas a bem estar físico e mental serão abordadas no primeiro capítulo a seguir, intitulado *Os seres humanos por trás dos professores: relatos de experiências dentro do CN*. Para abordar aspectos relacionados às dificuldades enfrentadas para permanecer no Curso Normal e se formar, bem como questões financeiras, falta de apoio material e emocional entre outros aspectos, serão abordados no segundo capítulo a seguir, intitulado *As dificuldades de permanência: aspectos financeiros, físicos e emocionais*. Por conseguinte, no terceiro capítulo, abordaremos as relações entre o discurso meritocrático e a realidade dos alunos do CN, sob o título *O discurso meritocrático e a realidade dos professorandos*.

##### 4.1 Os seres humanos por trás dos professores: relatos de experiências dentro do CN

Para a construção deste capítulo faremos uso das questões 3, 4, 5, 13, 14 e 15 do questionário aplicado, buscando refletir sobre questões relacionadas ao bem estar físico e mental dos alunos. As questões estão retomadas abaixo:

3 - *Como tem sido/foi a tua experiência como aluno(a) do Curso Normal?*

4 - *Por qual motivo escolheste cursar o CN?*

5 - *O que você mais gosta no Curso Normal?*

13 - *Você já se sentiu intimidado(a), constrangido(a) ou humilhado(a) por alguma situação que aconteceu dentro do Curso? Se sim, o que aconteceu?*

14 - *Você sente/sentia que pode/podia pedir ajuda para a escola (professores, coordenadores, diretores) caso você não esteja/estivesse bem emocionalmente?*

15 - *Você sente/sentia que pode/podia pedir ajuda para a escola (professores, coordenadores, diretores) caso você não esteja/estivesse bem fisicamente?*

Como já havia sido previsto, os professorandos ou normalistas, assim chamados os alunos do Curso Normal (CN), enfrentam diversas dificuldades para permanecer no CN, dificuldades estas que não têm sido alvo de maiores preocupações. Por diversas vezes a educação reduz

alunos(as) a números, onde cada um é um número e esses alunos estudam e se esforçam para receber outros números, referentes às notas, e são esses números que dirão se serão aprovados ou não.

No caso dos Normalistas, as notas atribuídas vão muito além de quantificar o aprendizado, elas delimitam quem será um “bom” ou “mau” professor. Como já citado acima, na introdução deste trabalho, Koga (2009) defende *que o discurso meritocrático coloca como uma consequência, o fracasso e a desigualdade educacional, de uma falta de esforço do indivíduo, manipulando o sujeito através de um discurso de culpa e se mostrando ignorante à questões socioeconômicas e individuais dos sujeitos*. Quando questionado se havia passado por algum constrangimento ou humilhação, um dos alunos respondeu:

[...] quando fui fazer um trabalho me humilharam por eu ter errado na construção dele, enquanto os outros mandaram fazer. Outra vez foi quando tirei uma nota 6 e disseram que eu tava me perdendo e fiquei bem mal. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Como podemos ver no relato acima, a queda das notas pode provocar uma descredibilidade profissional que vai além da nota recebida, trazendo uma marca do discurso meritocrático presente na educação, onde o esforço individual é o único fator considerado para o alcance do sucesso ou fracasso profissional, sem considerar o indivíduo, seu contexto socioeconômico ou o contexto da situação. O que nos leva a questionar se números relativos a trabalhos em disciplinas específicas podem delimitar quem é um bom profissional e quem não é.

Além das questões das notas, houve diversos relatos de situações inapropriadas relacionadas a conflitos entre alunos e professores e entre os próprios normalistas. Novamente sobre a questão sobre constrangimentos e humilhações dentro da escola 38 % dos alunos relatam que já sofreram, em situações relacionadas ao uso dos espaços escolares, aos direitos dos Normalistas, a constrangimentos realizados por professores enquanto estavam lecionando em sala de aula, conflitos entre colegas, principalmente em períodos em que os normalistas precisam desenvolver apresentações escolares, onde a ansiedade e pressão aumentam, aflorando crises de ansiedade e até episódios depressivos. Ressaltamos alguns exemplos abaixo:

Sim, duas vezes e em relação ao refeitório e ao ensino integral do médio, pois as vezes parece que o tratamento, em relação a punições e respeito, é muito desigual, por mais que haja um direito, o integral ter almoço, as normalistas também são alunas da escola e acho um absurdo dizermos que somos privilegiadas, porque nos dão um prato de comida meio dia, só porque temos 1 h e meia, na qual podemos sair da escola. Às vezes nos tratam como se estivéssemos fazendo algo de errado em almoçar na escola. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Sim, as pessoas que entram no curso não entendem que aqui não é escolinha e fazem coisas que não são apropriadas. E todos pagam por um, a partir de hoje não pode ficar no bloco na hora do almoço. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Sim muitas vezes, eu sofri muito com ofensas e ameaças, também. Já zombaram muito de mim ao ponto de eu ter muitos episódios depressivos. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Sim. Algumas vezes. Porém grande parte vinda de conflito entre colegas, principalmente em épocas de apresentação. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Sim, no primeiro ano eu tive uma crise de ansiedade durante um jogo, me senti constrangida e magoada. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Sim, uma professora disse que eu não era capaz de ensinar. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Cabe ressaltar que o último relato desta lista é de um ex-aluno do Curso Normal que se formou, foi aprovado em concurso público e atualmente leciona na rede pública de ensino. Respondendo à questão colocada no início deste capítulo sobre a avaliação por números ou conceitos específicos de trabalhos isolados eram suficientes para delimitar a competência de professores, ao trazermos a realidade deste professor, comprovamos que avaliações por notas são insuficientes para delimitar a capacidade de compartilhamento de saberes e didática de sala de aula exigidos para a profissão.

A violência verbal e moral também estão presentes na realidade destes professorandos, como constatamos nos exemplos citados anteriormente, corroborando com os dados coletados pelo G1 (2023), em que 54% dos professores já sofreram algum tipo de violência dentro das escolas, sendo a mais frequente a agressão verbal (48%), o assédio moral (20%) e o bullying (16%), entre outras violências. Através destes relatos acima podemos comprovar que estas violências praticadas contra professores, se expandem e alcançam os cursos de formação de professores, onde esta prática ocorre até oriunda de professores formados contra professores em formação.

Embora uma boa parte dos professorandos tenham experiências negativas (15%) quanto a questões individuais dentro do CN, ainda se encontram relatos neutros que confirmam que é uma experiência válida (32%), mas exaustiva, no entanto, a maioria relata momentos de aprendizado e alegria (53%) quanto às suas experiências dentro do CN, como vemos nos dois relatos a seguir:

Minha experiência no curso normal foi muito especial. Foi um lugar onde fiz amizades que carrego comigo até hoje e onde tive meu primeiro contato real com a sala de aula. Tive muitos desafios também com relação ao deslocamento da minha cidade e questões financeiras. Mas aprendi muito sobre o que é ser professora e me inspirei em

muitos educadores que cruzaram o meu caminho. É um período que guardo com muito carinho. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Aprendi muito com o curso normal e percebi que amadureci muito aqui também. Mas para estar no curso normal tu precisa ter muita responsabilidade e compromisso com as coisas por que sempre temos trabalho para entregar em um certo prazo, fora os planos de aula, planejamentos e provas às vezes tudo na mesma semana. Tens que aprender a se organizar para ter uma "vida" mais fácil no curso. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Além das questões já abordadas, os alunos entrevistados relataram sobre as causas que os levaram à escolha do magistério que entraram no curso porque queriam a profissão (52%). Por acreditar que com o curso teriam uma facilidade de inserção no mercado de trabalho (16%). Para agradar os pais ou obrigados (14%). Por gostar de crianças (14%). Por ter familiares professores (4%). Observemos esses dados no gráfico abaixo:

GRÁFICO 1 - MOTIVOS DE INGRESSO NO CN

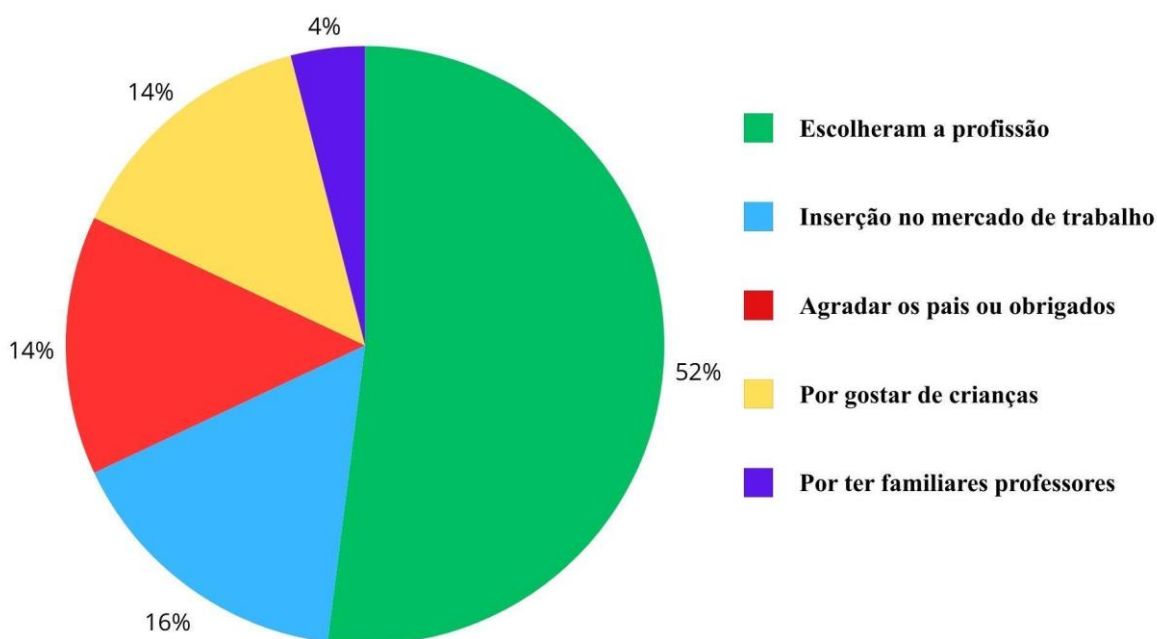


GRÁFICO 1 - Fonte: Autora, 2025.

A maioria desses alunos escolheu a profissão por escolha própria, juntamente com aqueles que entraram no CN por influências de pais ou familiares (70%), materializando o processo de *valorização da instrução escolar* (BORGES, 2012), que teve seu início no século XVIII, com a fundação das Escolas Normais, nos mostrando que esse *processo de valorização* teve seu início, mas, através dos relatos coletados, está longe de ser algo que ocupa um lugar de prestígio na sociedade brasileira. Para além, temos questões de afeto às crianças, que levaram

à profissão (14%) e ainda, marcas da tendência liberal tecnicista (16%), onde o objetivo era de *formar técnicos profissionais, de forma rápida, para atender ao mercado de trabalho* (BORGES; AQUINO; PUENTES (2012). Como podemos constatar nos relatos abaixo, após serem questionados sobre o motivo de escolha do CN, alguns alunos responderam:

O curso, abre portas para empregos, quero ser formada e mostrar isso na minha faculdade que eu quiser (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Se formar em um técnico (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Ter um fácil acesso em ter emprego (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Embora a educação liberal tecnicista tenha entrado em processo de extinção após a queda do regime militar, traços sociohistóricos desse período ainda permanecem vivos na memória e no discurso coletivo destes estudantes.

A questão da afinidade com as crianças também se estabelece firmemente quando questionamos sobre o que os estudantes mais gostavam no Curso Normal, onde 64% dos entrevistados apontaram o contato com as crianças como o principal motivo para permanecerem no CN. Por conseguinte, 29% dos alunos apontaram os eventos desenvolvidos dentro do curso, (Halloween, Festa Junina, Semana da Normalista, Semana Farroupilha, etc.); 27% o exercício de ensinar; e apenas 14% dos alunos apontam os trabalhos realizados como fatores que influenciam a apreciação pelo do curso.

Embora haja um forte e claro vínculo entre estudantes do CN com as crianças as quais eles lecionam, a ligação entre escola e normalistas não se mostra tão forte. Quando questionados se os alunos sentiam que podiam pedir ajuda para professores e funcionários, caso não estivesse bem emocionalmente, 29,8% dos alunos responderam que duas ou três pessoas ajudariam; 28,1% que há mais de três pessoas, mas não todas; 17,5% que não se sentem confortáveis para pedir ajuda para ninguém; 15,8% responderam que não; 7% que somente uma pessoa ajudaria, e 1,8% que qualquer pessoa da escola ajudaria. Para melhor visualização, consultemos o gráfico abaixo:

GRÁFICO 2 - AJUDA EMOCIONAL

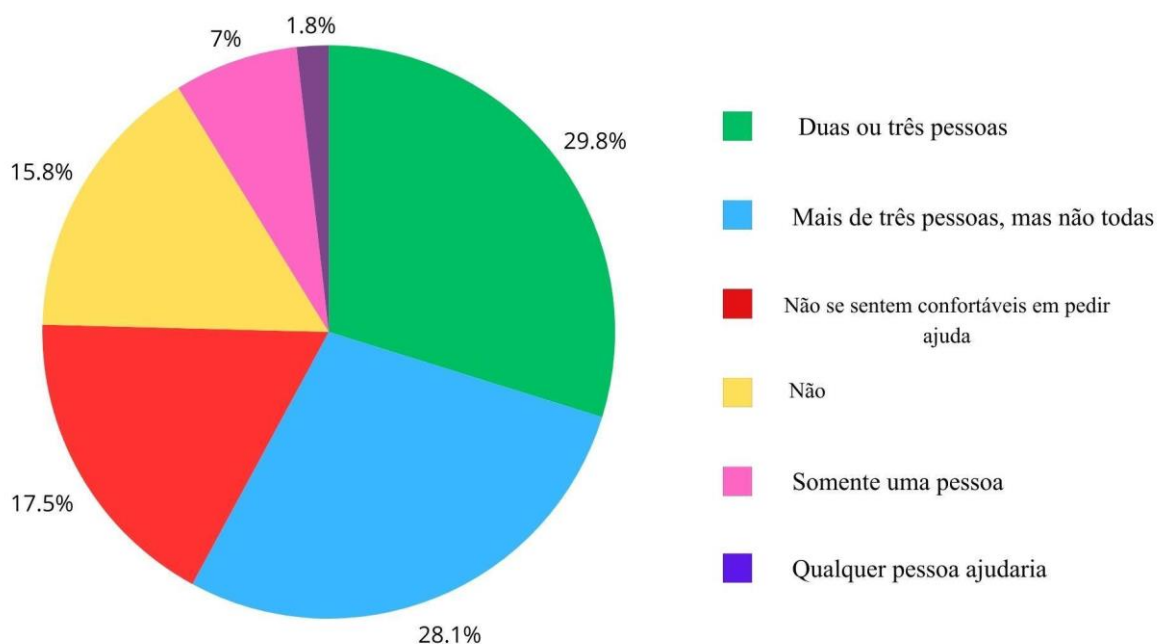


GRÁFICO 2 - Fonte: Autora, 2025.

Como já vimos anteriormente, com Lapo e Bueno (1999), *um número cada vez maior de professores está deixando a rede estadual de ensino*, e um dos fatores que agravam esta situação é a *falta de vínculo do professor com a escola*, como defendido pelos autores acima. Essa falta de vínculo também se materializa nas salas de aula do CN, principalmente quando analisamos os dados acima e constatamos que os alunos não se sentem seguros para conversar sobre suas dificuldades e crises emocionais com um grupo que deveria ser solidário para com eles, por estarem na mesma classe social, esperava-se que houvesse uma segurança maior por parte dos alunos em confiar e encontrar apoio nestes futuros colegas de profissão. Mas, o que ocorre em boa parte das vezes é o contrário, profissionais que deveriam fornecer apoio psicológico e social, muitas vezes são os causadores das ansiedades sofridas pelos alunos, como vemos nos relatos abaixo:

[...] fui constrangido na frente de uma turma por uma professora, onde me senti muito mal e depois ficaram me humilhando e desde então isso nunca mais parou, hoje estou no 2º ano e isso aconteceu no 1º. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

[...] tem pessoas que não são profissionais no curso, pois às vezes tratam a gente bem mal, grosseiros e acabam descontando nas pessoas que não era pra ser. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

[...] nas aulas de alguns professores. A forma de se expressarem, a comunicação, o olhar de eu sei de tudo (professor) você não sabe nada (aluno). (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

A suposta falta de profissionalismo, apontada pelos normalistas, por parte de alguns professores, é um dos principais fatores que alimentam a falta de vínculo dos alunos do CN com a escola. Somadas às questões de apoio emocional, os professorandos foram questionados se poderiam pedir ajuda caso não estivessem bem fisicamente, 27,8% respondeu que sim, qualquer pessoa da escola ajudaria; 27,8% que mais de três pessoas ajudariam, mas não todas; 18,5% que duas ou três pessoas ajudariam; 14,8% que ninguém os ajudaria; 5,6% que não se sentem confortáveis em pedir ajuda e 5,6% que apenas uma pessoa ajudaria. A maioria dos alunos, 72,3%, não sentem que podem pedir ajuda para todos os professores ou funcionários da escola caso não estivessem bem fisicamente. Comparemos no gráfico a seguir como os alunos se sentem quanto a pedir ajuda por problemas emocionais e por problemas físicos:

GRÁFICO 3 - PROBLEMAS EMOCIONAIS OU FÍSICOS

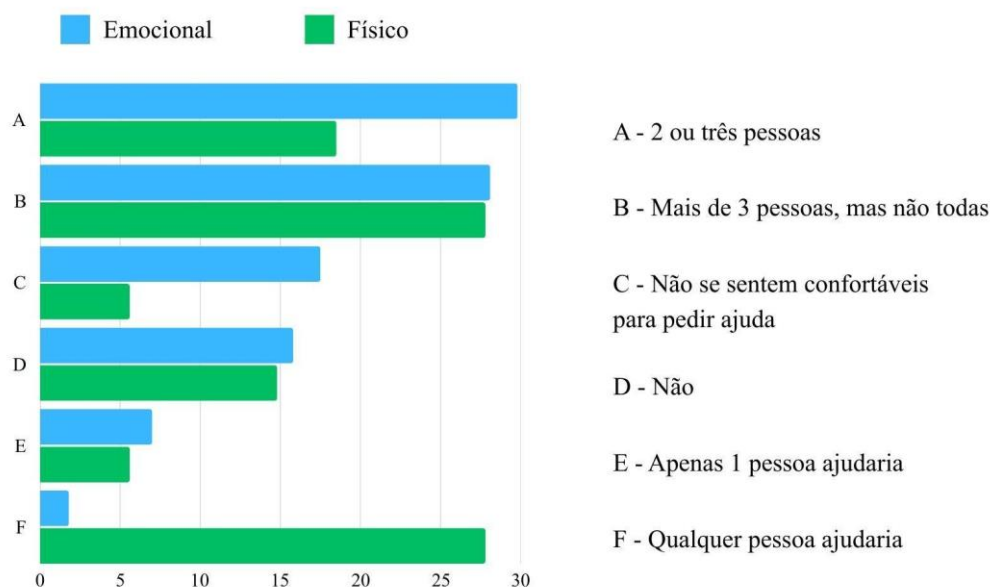


GRÁFICO 3 -Fonte: Autora, 2025.

Os dados que mais chamam a atenção no gráfico acima estão em C e em F, onde apenas 1,8% dos alunos declaram que qualquer pessoa ajudaria em questões de crise emocional, embora 27,8% declara que qualquer pessoa ajudaria em questões de saúde física, mostrando que, os professorandos confiam muito mais na escola em caso de acidentes físicos, mas não sentem o mesmo quando se tratam de crises de ansiedade ou episódios depressivos. Além disso,

em C, vemos que 17,5% dos alunos não se sentem confortáveis para pedir ajuda emocional, mas apenas 5,6% em questões físicas. Embora a escola preze pela integridade física dos estudantes, verificamos uma quebra de confiança entre alunos e professores quando se trata da integridade moral e mental destes alunos.

No capítulo a seguir, intitulado *As dificuldades de permanência: aspectos financeiros, físicos e emocionais*, abordaremos as problemáticas que dizem respeito aos desafios a serem superados para que os alunos permaneçam no CN, sejam os gastos financeiros, desgastes emocionais e dificuldades físicas, bem como o deslocamento de outras cidades para alunos que não moram em Bagé, exclusivamente para a formação no CN.

#### **4. 2 As dificuldades de permanência: aspectos financeiros, físicos e emocionais**

Para a construção deste capítulo faremos uso das questões 1, 9 e 11 do questionário aplicado. Sendo elas:

*1 - Qual a sua idade?*

*9 - Você possui/possuia uma rede de apoio familiar te auxiliando para atender as demandas do Curso Normal?*

*11 - Já houve algum momento em que te sentisse incapaz ou que não ia conseguir dar conta das demandas do Curso?*

A permanência dos alunos no CN é intimamente afetada por aspectos financeiros, físicos e emocionais que muitas vezes se tornam fatores decisivos para a formação ou desistência desses futuros professores. Para além, a mesma problemática dos abandonos temporários apontados por Lapo e Bueno (1999) também ocorrem dentro do CN, onde as faltas e atestados colocados pelos alunos futuramente podem ocasionar na desistência do curso e da profissão do magistério. Quando questionados sobre a necessidade de afastamentos do CN por questões de exaustão física ou emocional, 54,5% dos alunos relataram que nunca precisaram; 30,9% que precisaram pelo menos uma vez no ano; 9,1% que precisaram de afastamentos três ou mais vezes no ano e 5,5% que precisaram em média duas vezes no ano.

Pelo menos 45,5% dos alunos já precisaram de afastamentos do CN por exaustão física ou emocional, materializando o que é defendido por Lapo e Bueno (1999), já nos cursos de formação de professores, onde as fugas temporárias são sinais de um possível abandono futuro da profissão, sendo estes subterfúgios, segundo os autores, *uma solução temporária para os conflitos*, e embora seja uma solução paliativa, essas fugas podem *provocar, em alguns casos, uma sensação de mal-estar gerada pela percepção de que esses mecanismos são uma forma de prejudicar os outros, principalmente os alunos*.

A culpa desencadeada pela ausência e o acúmulo de trabalhos para serem realizados após esse momento de fuga, podem agravar o sentimento de não pertencimento e de incapacidade para a vocação por parte dos alunos. Dessa forma, a culpa, as demandas cumulativas, associada a exaustão física e emocional, somada a questões pessoais, levam muitos desses alunos a desistirem do magistério ainda na adolescência. Observa-se que os alunos entrevistados, em sua maioria, 70,2%, possuem entre 16 e 17 anos de idade, sendo ainda muito jovens para a carga de trabalho exigida pelo CN, tendo até 24 disciplinas curriculares obrigatórias para serem cursadas em apenas um ano de magistério, como materializadas pelos relatos dos alunos.

O sentimento de incapacidade e a ideia da desistência permanece constantemente no horizonte de decisões dos alunos, como podemos observar no gráfico a seguir, sobre a sensação de incapacidade ou de esforço insuficiente para conseguir dar conta das demandas do CN os alunos, na sua maioria (49,1%) sentem, às vezes, que não vão conseguir cumprir com a carga de trabalhos exigidos; 34,5% quase sempre; 12,7% sempre; e apenas 3,6% que nunca sentiram que não iam conseguir. Para melhor visualização dos dados, observemos o gráfico a seguir:

GRÁFICO 4 - NÃO CONSEGUIR ARCAR COM AS DEMANDAS DO CN

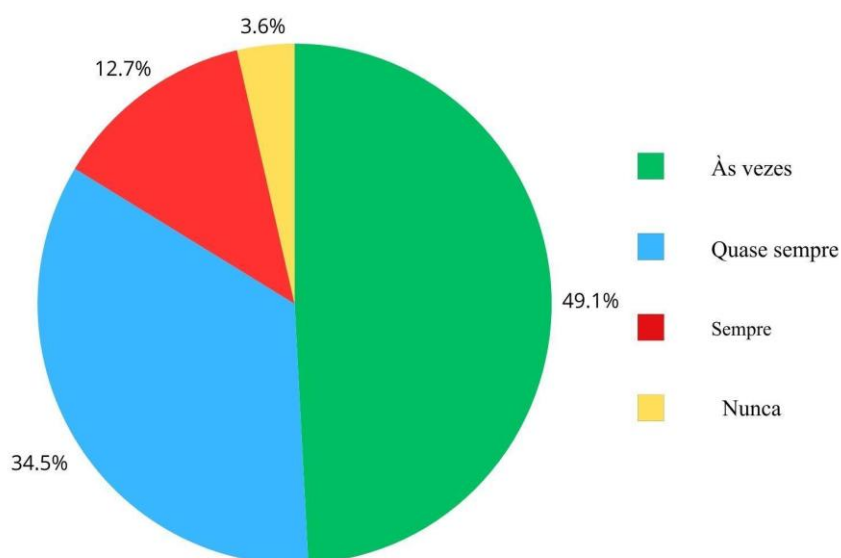


GRÁFICO 4 - Fonte: Autora, 2025.

Somados a pensamentos de incapacidade, a opção de abandonar o curso permanece constantemente no horizonte de decisões dos alunos, onde apenas 3,6% nunca pensaram em desistir. Destes 3,6% de alunos que nunca pensaram em desistir, 100% recebem ajuda em casa de familiares e amigos, para a confecção de trabalhos e para apoio emocional, seja financeiro ou apoio na confecção física dos materiais. Dos alunos que estão sempre pensando em desistir, 100% recebe ajuda familiar, já dos alunos que quase sempre pensam em desistir, 91% recebe ajuda familiar; e dos alunos que às vezes pensam em desistir, 95% recebe ajuda familiar.

A maioria dos normalistas recebe apoio psicológico, financeiro e físico de seus pais e familiares, integrando 90,9% do grupo de entrevistados. Os 9,1% restantes são de alunos que não recebem apoio, 5,4%, e de alunos que raramente recebem auxílio de seus familiares, 3,6%. A participação da família no processo de formação dos estudantes se mostra um fator determinante para a permanência dos professorandos no CN, o que nos leva a questionar aspectos da meritocracia, repensando o mérito da conquista como um reconhecimento de um esforço individual, já que 100% dos alunos que nunca pensaram em desistir recebem apoio de suas famílias. Esses aspectos meritocráticos serão discutidos no capítulo 4.3.

### 4.3 O discurso meritocrático e a realidade dos professorandos

Um total de 100% dos alunos declararam que é *Impossível* cursar o CN sem que se haja a necessidade de desembolsar valores financeiros para custear alimentação, transporte e principalmente, materiais para a construção de recursos pedagógicos exigidos para a formação no curso, sejam eles planos de aula, sequências didáticas ou até recursos físicos, como fantoches, painéis, fantasias, decorações, etc.

Devemos levar em consideração que esses recursos pedagógicos exigidos são obrigatórios em algumas cadeiras do curso, ou seja, a não confecção desses materiais leva diretamente a reprovação deste aluno. Somado a esta obrigatoriedade, a escola não possui recursos para custear os materiais necessários para a confecção dos materiais exigidos a todos os alunos, portanto, é impossível que um aluno de baixa renda seja aprovado e permaneça no curso sem que seja obrigado a desembolsar valores financeiros para custear esses materiais.

Apenas 1,7% dos alunos entrevistados declaram que recebem o auxílio Pé de Meia, fornecido pelo governo Federal, enquanto 98,3% dos alunos não recebem nenhum apoio financeiro para permanecer estudando, o que nos leva a questionar, se tratando de um curso de formação de professores, a importância dada ao magistério no Brasil, e a *Valorização da educação* que tem falhado em demonstrar em atitudes práticas que correspondam a essa valorização.

Programas como o Bolsa Permanência, e a Casa do Estudante, fornecidos pelo Governo Federal demonstram como aspectos financeiros compõem a valorização à educação no Brasil, mas os professorandos, mesmo aqueles que se deslocam dos seus núcleos familiares, não possuem acesso a esses programas institucionais. Vale ressaltar que a maioria dos alunos entrevistados, 70,2%, possuem entre 16 e 17 anos de idade, tendo que morar com parentes, amigos ou colegas do curso para que consigam permanecer no CN. Há ainda, casos de alunos, menores de idade, que, com a autorização dos pais, moram sozinhos exclusivamente para estudar no CN, que é o caso de um dos entrevistados.

O isolamento, questões financeiras e físicas são problemáticas diárias na vida desses alunos que precisaram se deslocar de suas cidades para cursar o CN, muitos relatam essas dificuldades ao responderem a pesquisa, em um desabafo os alunos afirmam que foi/é:

Muito difícil. Durante o curso morei com uma tia e durante o estágio ia e vinha de Aceguá todos os dias. Foi um gasto bem alto para meu pai com transporte e as

atividades impressas que eram muitas. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Foi a maior dificuldade para mim no curso mesmo que eu tenha encontrado pessoas maravilhosas por esse motivo. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Bem cansativo, eu moro sozinho aqui em Bagé, já a minha família mora na Colônia Nova perto de Aceguá. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

As despesas, vão de 50,00 R\$ a 1000,00 R\$, segundo os relatos dos alunos. Observemos os dados a seguir sobre os gastos dentro do CN:

GRÁFICO 5 - GASTOS MENSAIS NO CN

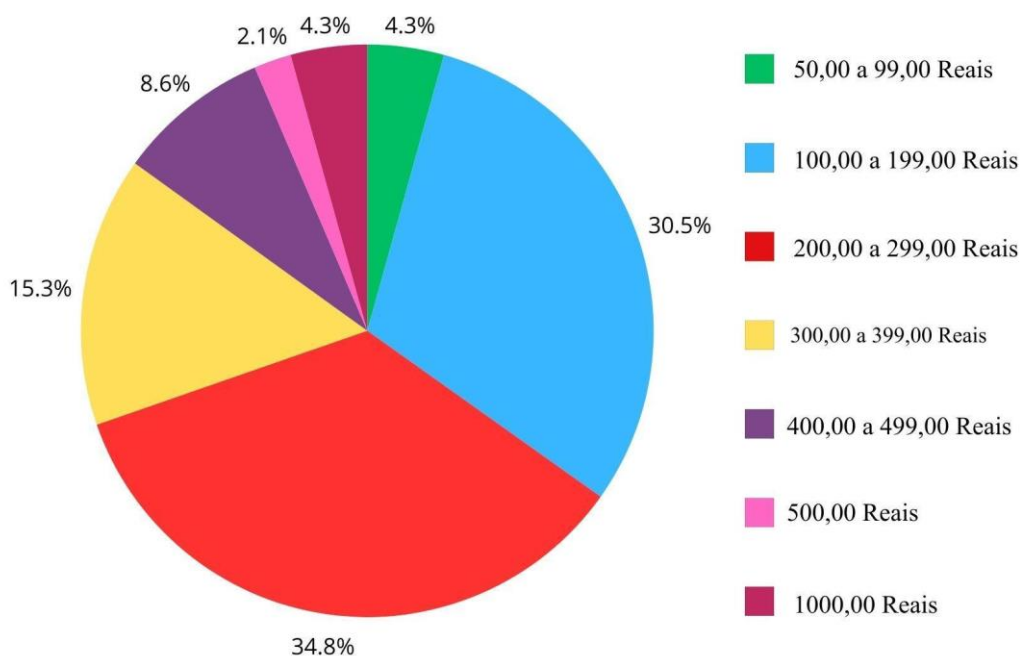


GRÁFICO 5 - Fonte: Autora, 2025.

Questões de logística, moradia, financiamento de materiais, entre outros fatores que se mostram determinantes para a permanência desses alunos dentro do CN, nos mostram que todas estas problemáticas citadas acima se resumem em uma apenas: o financeiro. A maior parte dos problemas que contribuem para a desistência dos alunos e à exaustão se resolveria com o apoio financeiro que esses alunos não têm acesso.

Como já constatamos acima, 100% dos alunos que nunca pensaram em desistir, possuem rede de apoio familiar, o que nos leva a questionar, levando em consideração os aspectos financeiros e a rede de apoio necessária, até onde o sucesso e a tão sonhada graduação depende do esforço individual de cada aluno. A disposição para estudar, a disponibilidade de tempo e

esforço não são suficientes para garantir o pleno desenvolvimento desses normalistas, nos levando a questionar se em algum momento a educação deixou de se tornar realmente *um artigo de luxo*, como citamos no início deste trabalho. Ter acesso ao espaço físico de uma sala de aula do Curso Normal, que não era possível às classes mais humildes em 1833, se prova insuficiente para a formação profissional desses alunos, já que, para permanecer, os alunos precisam desembolsar entre 50,00 R\$ a 1000,00 R\$ por mês, o que dá um total de 600,00 R\$ a 12.000,00 R\$ por ano. Esses gastos, obrigatórios, para confecção de materiais, deslocamento à instituição e alimentação, continuam mantendo a inacessibilidade das classes mais pobres ao CN. Mesmo que alguns desses alunos se dispusessem a ir à pé para a escola (o que é inviável por ter que estar na escola às 7h e 30 min.), e optar por se alimentar apenas pelo que é fornecido pela escola (lanche no intervalo da manhã, almoço e lanche no intervalo da tarde), ainda há gastos obrigatórios com materiais para a construção de recursos pedagógicos que são imprescindíveis para a aprovação em determinadas disciplinas do CN.

A meritocracia disfarça e apaga as vozes e os sofrimentos de cada um desses estudantes, pois, baseada em discursos que defendem o *esforço e o trabalho duro* (KOGA, 2009), como os únicos fatores necessários para o *acesso às melhores posições* (KOGA, 2009), ignora o fato de que questões financeiras limitam o acesso e permanência desses alunos, que aspectos emocionais e sociais na dinâmica entre professores e professorandos afetam diretamente o rendimento dos alunos em sala de aula.

Koga (2009) ainda afirma que *a meritocracia atribui a uma educação desigual a aparência de “neutra”, “científica”, “democrática”*, que é exatamente o que acontece dentro de algumas salas de aula do CN. O discurso meritocrático cai como um *véu*, como é colocado por Koga (2009), onde esconde as reais condições de cada um desses indivíduos, culpabilizando o aluno por 100% do seu fracasso escolar, sendo que a falta de esforço é um dos poucos fatores que não se encontram em meio a esses alunos, mas o que determina e afeta diretamente o seu bem estar e o seu rendimento, são as relações de poder entre professores e professorandos, que por algumas vezes se tornam indigestas; questões financeiras, que limitam até onde esses alunos podem chegar; além da desestruturação familiar de alguns desses alunos. Todos esses fatores independem do esforço individual dos professorandos.

#### 4.5 Utopias: o que pode ser mudado no CN

Como constatamos acima, através dos dados coletados, existem muitos problemas a serem resolvidos dentro do CN para que haja uma melhora e a garantia de permanência e pleno desenvolvimento desses estudantes no curso. Quando questionados sobre o que esses alunos mudariam no CN, se fosse possível, a resposta que mais se difere e salta aos olhos do pesquisador é a citada abaixo:

com uma utopia, ter um lugar para comer, só do curso e uma impressora. [...] (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)

Um lugar para comer, onde não fossem hostilizados, como os alunos já colocaram e citamos nos relatos anteriormente, e uma impressora, isto é um sonho utópico para este aluno, ter paz nos momentos de refeição e um pequeno apoio da escola no material de impressão. Nenhum dos alunos pediu um novo prédio, materiais para a construção dos trabalhos, sala de descanso, mudanças de cardápio.

Além do relato acima, os alunos sugeriram diminuição da carga horária *para podermos trabalhar para ter um salário para poder comprar os materiais*, diminuição da quantidade de trabalhos a serem produzidos, diminuir demandas financeiras, aulas em apenas um turno, diminuição da *pressão que os professores fazem nos alunos e [...] que as pessoas tivessem um pouco mais de empatia; reconhecimento pelos nossos trabalhos; um incentivo de bolsa para pagar os gastos do curso; troca de alguns professores que contribuem para suas crises de ansiedade e/ou episódios depressivos; uma sala para trabalhos para não precisar fazer em casa; mudaria o jeito de como os professores se comunicam com os alunos. Exemplo: uma ou 2 vezes por semana fazer uma roda de conversa para falar sobre o dia; [...] colocaria mais apoio emocional por as vezes colocam muita coisa em cima do aluno; A questão do apoio emocional ao aluno, por que muitas pessoas possuem dificuldade em expressar os sentimentos, dessa maneira criando uma estafa pra sua vida acadêmica.*

Embora a maioria dos entrevistados tenha colocado suas sugestões de mudanças, os alunos têm consciência de que, algumas dessas alterações podem afetar os objetivos do curso, como materializado na resposta a seguir:

*É difícil pensar em uma mudança significativa, pois algo que facilitaria para o aluno, poderia afetar a estrutura e assim não atingindo todos os objetivos que o curso normal propõe a aprendermos. (Relato de normalista entrevistado. Fonte: Autora, 2025)*

Questões que dizem respeito a quantidade de trabalhos a serem desenvolvidos e o turno integral, com a sua extinção, de fato acarretaria em uma reformulação dos objetivos do curso, mas a *valorização dos alunos*; convidar *alguns professores*, que não se identificam mais com o objetivo de formar outros professores a irem para outras instituições de ensino; ter um local onde os alunos possam ter paz nas suas refeições; acesso a recursos que auxiliam na confecção de materiais como a impressora citada pelos alunos; uma *bolsa para ajudar nos gastos* do curso; momentos de desabafo e apoio emocional; e mais *empatia* por parte dos professores, não alteram os objetivos do Curso Normal, pelo contrário, contribuiria para a formação de professores mais saudáveis emocionalmente e conseqüentemente mais preparados para enfrentar a realidade de sala de aula.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido se propôs a abordar os seguintes objetivos específicos:

- a) Delimitar fatores que levam a evasão do Magistério em diversas regiões do Brasil, com vistas a comparar com os dados coletados dentro do Curso Normal da Escola de Educação Básica Justino Costa Quintana;
- b) identificar os fatores e dificuldades enfrentadas pelos Normalistas que podem levar à evasão escolar dentro do Curso Normal, destacando os aspectos pessoais e comuns dos sujeitos entrevistados com vista a repensar práticas pedagógicas realizadas dentro do Magistério;
- c) refletir sobre o futuro do Curso Normal dentro do âmbito profissional, analisando as possibilidades de carreira após a formação acadêmica.

Buscando compreender os fatores que levam os alunos do primeiro curso de formação na área do magistério a desistir da profissão docente, refletindo sobre o esgotamento físico e mental dos normalistas, fatores socioeconômicos e carga exaustiva de trabalho que levam à evasão.

Com esta breve pesquisa de 21 questões, pudemos constatar que aspectos da desvalorização e da elitização do acesso à educação, ideologias meritocráticas que silenciam os aspectos sociais e financeiros, entre outras problemáticas, ainda estão presentes nas salas de aula do Curso Normal desde sua fundação no Brasil com as Escolas Normais.

Conclui-se que embora muita coisa já tenha mudado, como o acesso se tornando público, a permanência dentro do CN ainda está reservada para aqueles que possuem condições financeiras para financiar suas demandas e se formar no curso. Ademais, questões como a falta de apoio emocional, dificuldades no deslocamento de outras cidades para cursar o CN, a falta de espaços físicos suficientes para o desenvolvimento e bem estar dos alunos, e a inexistência de recursos suficientes para a garantia da permanência se mostraram problemáticas marcantes e constantemente presentes no cotidiano desses alunos. Uma possível falta de profissionalismo e empatia por parte de seletos professores também se mostra como um fator delimitante para o futuro desses jovens.

Além disso, ressaltamos a necessidade emergente de divulgar os relatos e vivências desses alunos e de outros alunos dentro dos cursos de formação de professores, sejam eles na modalidade inserida no Ensino Médio ou Ensino Superior, para que possamos compreender e

divulgar os desafios que cada um desses futuros professores têm enfrentado, pensando formas de intervir e melhorar as condições de acesso, permanência e conclusão de cada um desses cursos para que possamos evitar previsões futuras de *apagões* de professores em um momento próximo.

No capítulo 4.1: *Os seres humanos por trás dos professores: relatos de experiências dentro do CN*, chegamos a conclusão de que os alunos precisam de mais apoio emocional, pois, muitas das vezes, não se sentem confortáveis ou não creem que podem pedir ajuda em caso de crises emocionais, necessitando rever questões de empatia entre alunos e entre professores e alunos.

O capítulo 4. 2: *As dificuldades de permanência: aspectos financeiros, físicos e emocionais* verificamos a falta de apoio financeiro para que alunos que o núcleo familiar não mora na cidade onde o Curso Normal se estabelece, havendo muitos gastos e um sofrimento causado pelo isolamento e pela exaustão, tendo que lidar com diversas situações complexas ainda extremamente jovens.

No capítulo 4.3: *O discurso meritocrático e a realidade dos professorandos*, confirmamos que o discurso meritocrático cega os indivíduos para as problemáticas mais emergentes da educação. Mostrando a falta de apoio financeiro e psicológico que estes alunos enfrentam e que são determinantes para sua permanência e formação, comprovando que não depende apenas do esforço individual ou do trabalho duro o alcance da formação dentro do CN.

Por fim, no capítulo 4.5: *Utopias de futuro: o que pode ser mudado no CN*, constatamos que os alunos do CN necessitam de auxílios simples e que seriam facilmente resolvidos com um pouco de recurso financeiro e apoio emocional.

Dito isto, enfatizamos a importância de não nos rendermos ao *véu* meritocrático colocado sobre os nossos olhos e nos contentarmos com as ideologias que propagam a elitização do ensino e a manutenção de práticas que dividem e segregam as camadas mais pobres da sociedade a se tornarem cada vez mais pobres, culpabilizando-os pelo seu fracasso e sua fome, impossibilitando o acesso e a permanência ao único meio que pode possibilitar uma melhora da qualidade de vida dessas pessoas: a educação.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Maria Célia; AQUINO, Orlando Fernández; PUENTES, Roberto Valdés. **Formação de professores no Brasil: história, políticas e perspectivas.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 11, n. 42, p. 94–112, 2012. DOI: 10.20396/rho.v11i42.8639868. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639868>. Acesso em: 6 nov. 2025.

GUINDANI, Evandro Ricardo; KOGA, Yáscara. **O novo sucesso: uma crítica à meritocracia / Evandro Ricardo Guindani, Yáscara Neves Koga.** - 1. ed. - Curitiba : Appris, 2022. 79 p. ; 21 cm – (Ciências sociais).

G1. **Brasil tem histórico de alto índice de violência escolar:** veja dados sobre agressão contra professores. 2023. Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/27/brasil-tem-historico-de-alto-indice-de-violencia-escolar-veja-dados-sobre-agressao-contra-professores.ghtml> > Acesso em 04 de julho de 2025.

KOGA, Yáscara. **Magistério e distinção:** um estudo sobre as trajetórias das professoras ganhadoras do Prêmio Professores do Brasil no meio oeste de Santa Catarina. 2009. 222 p. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

KOGA, Yáscara. **Meritocracia e docência:** um objeto multifacetado. 2013. 237 p. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. **O Abandono do Magistério: Vínculos e Rupturas com Trabalho Docente.** Psicologia USP 2002, Volume 13 Nº 2 Páginas 243 - 276.

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira, Oliveira. **PROFESSORES RETIRANTES: UM ESTUDO SOBRE A EVASÃO DOCENTE NO MAGISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (1990-1995)\*.** Faculdade de Educação da USP - Reunião Anual da Anped, 1999 - [anped.org.br](http://anped.org.br)

RESENDE, Rui. **Técnica de Investigação Qualitativa: ETCL.** Instituto Universitário da Maia. Journal of Sport Pedagogy & Research 2-1 (2016) 50-57. Disponível em: <https://11nq.com/72zKm> > Acesso em 08 de julho de 2025.

RIBEIRO, Grazielle Aparecida Correa. **O perigo da falta de professores na próxima década.** Centro de notícias UNINTER, 2024. Disponível em < <https://www.uninter.com/noticias/o-perigo-da-falta-de-professores-na-proxima-decada> > Acesso em 03 de julho de 2025.

ROSA, Rovena. **‘Outra estação’ discute: quem quer ser professor no Brasil?** Programa da Rádio UFMG Educativa. GONÇALVES, Aliciane, et. al. 2024. Disponível em < <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/outra-estacao-discute-quem-quer-ser-professor-no>



## ANEXOS

### ANEXO I - Questões usadas na pesquisa com o Curso Normal

1 - Qual a sua idade?

2 - Em que ano do Curso Normal você está?

1º ano

2ª ano

3º ano

Estágio final

Já me formei

Desisti do curso

3 - Como tem sido/foi a tua experiência como aluno(a) do Curso Normal?

4 - Por qual motivo escolheste cursar o CN?

5 - O que você mais gosta no Curso Normal?

Ensinar.

O contato com as crianças.

Os trabalhos realizados.

Os eventos (Halloween, Festa Junina, Semana Farroupilha, Semana da Normalista, Dia do Circo, etc.)

Outro: \_\_\_\_\_

6 - Já pensasse em desistir do curso? Se sim, por quais motivos?

7 - Como tem sido/foi a carga de trabalhos desenvolvidos durante o Curso Normal?

8 - Há/Houve algum tipo de rede de apoio por parte da escola? Auxílio para confecção de trabalhos, apoio emocional ou financeiro?

9 - Você possui/possuía uma rede de apoio familiar te auxiliando para atender as demandas do Curso Normal?

10 - Com que frequência você já pensou em sair do curso?

Nunca pensei em desistir.

Às vezes.

Quase sempre.

Sempre.

Eu desisti do curso.

11 - Já houve algum momento em que te sentisse incapaz ou que não ia conseguir dar conta das demandas do Curso?

- Nunca.
- As vezes.
- Quase sempre.
- Sempre.

12 - Já aconteceu de você precisar de um afastamento do Curso por questões de exaustão física ou emocional?

- Nunca.
- Pelo menos uma vez ao ano.
- Em média duas vezes ao ano.
- Três ou mais vezes ao ano.

13 - Você já se sentiu intimidado(a), constrangido(a) ou humilhado(a) por alguma situação que aconteceu dentro do Curso? Se sim, o que aconteceu?

14 - Você sente/sentia que pode/podia pedir ajuda para a escola (professores, coordenadores, diretores) caso você não esteja/estivesse bem emocionalmente?

- Não.
- Só há uma pessoa que me ajudaria.
- Há duas ou três pessoas que me ajudariam.
- Qualquer uma das pessoas da escola me ajudaria.
- Há mais de três pessoas que me ajudariam, mas não todas.
- Não me sinto confortável para pedir ajuda a ninguém.

15 - Você sente/sentia que pode/podia pedir ajuda para a escola (professores, coordenadores, diretores) caso você não esteja/estivesse bem fisicamente?

- Não.
- Sim, há apenas uma pessoa que me ajudaria.
- Sim, há duas ou três pessoas que me ajudariam.
- Sim, há mais de três pessoas que me ajudariam, mas não todas.
- Sim, qualquer pessoa da escola me ajudaria.
- Não me sinto confortável para pedir ajuda a ninguém.

16 - Já aconteceu de ter colegas em um estado emocional fragilizado devido a ansiedade ou preocupações oriundas das demandas do Curso Normal?

- Nunca.
- Às vezes.
- Todos pelo menos uma vez ao ano.
- Vários colegas durante vários momentos do curso.

17 - Se você pudesse mudar alguma coisa no Curso, o que você mudaria?

18 - Você precisou se deslocar da sua cidade local para poder cursar o Curso Normal?

- Sim.
- Não.

19 - Como tem sido/foi estar longe de casa para poder estar no Curso? (pergunta exclusiva para quem precisou se deslocar de outra cidade para realizar o curso)

20 - Você precisou desembolsar algum valor para financiar seus estudos no CN? Seja na compra de material escolar, alimentação, transporte, etc.

- Não, nunca precisei.
- Sim, preciso/precisei às vezes.
- Sim, uso/usei constantemente.

20 - Você gasta/gastou, em média, quanto por mês para compra de materiais para uso no Curso Normal?

- Nunca precisei usar meu dinheiro para compra de materiais.
- Menos de 50 reais.
- Mais de 50 reais por mês.
- Mais de 100 reais por mês.
- Outro: \_\_\_\_\_

21 - Você acredita que é possível cursar o CN sem que haja a necessidade de desembolsar nenhum valor financeiro pessoal para custeio de materiais, transporte, alimentação, etc.?

- Sim, é possível.
- Não, é impossível.
- Outro: \_\_\_\_\_